

## 2B

# O brincar como forma de governo na psicoterapia infantil

**Carlos Medrano & Raquel Kerpel**

UNIASSELVI, Blumenau, Brasil

### **Resumo:**

O brincar e o jogar são, desde os primórdios da clínica com crianças, os principais dispositivos instrumentais com os quais nos comunicamos, interagimos e intervimos no cotidiano do trabalho psicoterapêutico, naturalizando estas práticas. Esta naturalização não foi acompanhada, no critério dos autores, pela problematização necessária para poder compreender o impacto na constituição subjetiva dos brinquedos, jogos e brincadeiras que incluímos ou omitimos no consultório e o porquê desta inclusão/exclusão. Foi realizado um estudo histórico com o objetivo de identificar e problematizar, a partir de publicações tais como: manuais de pediatria e puericultura, cartilhas para pais, revistas de saúde de divulgação massiva (impresas e virtuais) no Brasil, como o brincar foi instrumentalizado para exercer o governo das crianças. O período estudado, em função do surgimento da psicoterapia infantil, corresponde ao compreendido entre os anos 1878 e 2009. O estudo historiográfico visibilizou como os diferentes modelos de subjetivação e de infância foram acompanhados pela inclusão/exclusão de brinquedos, jogos e brincadeiras por parte de psicólogos, pediatras e educadores como forma de governo de famílias e crianças. Os dispositivos identificados mostram uma articulação entre os campos da psicologia, a

pediatria e a educação. Os dispositivos de aconselhamento identificados, no que se refere a brinquedos, jogos e brincadeiras, configuram formas de governo e de subjetivação. Dada a importância que o jogar e o brincar tem na constituição subjetiva da criança, a escolha por incluir/excluir (seja na prática efetiva ou na discursividade) parte do psicoterapeuta infantil, exige a necessidade realizar uma problematização de cada um dos instrumentos que utiliza no cotidiano de trabalho.

**Palavras-chave:**

Infância, Subjetivação, Dispositivo, Governo, Brincar.

## **Playing as a form of government in child psychotherapy**

**Abstract:**

Play and game are, from the beginning of the clinic with children, the main instrumental devices with which we communicate, interact and intervene in the daily work of psychotherapeutic work, naturalizing these practices. This naturalization was not followed, in the authors' opinion, by the problematization necessary to understand the impact on the subjective constitution of toys, games and games that we include or omit in the office and why this inclusion/exclusion. A historical study was carried out with the objective of identifying and problematizing, from publications such as pediatrics and childcare manuals, booklets for parents, health magazines of mass dissemination (printed and virtual) in Brazil, as play was instrumentalized to exercise the government of children. The period studied, due to the emergence of child psychotherapy, corresponds to the period between 1878 and 2009. The historiographic study showed how different models of subjectivation and childhood were accompanied by the inclusion/exclusion of toys and games by psychologists, pediatricians and educators as a way of governing families and children. The devices identified show a link between the fields of psychology, pediatrics and education. The identified counseling devices, with regard to toys and games, form forms

of government and subjectivation. Given the importance of playing and playing in the subjective constitution of the child, the choice to include/exclude (whether in actual practice or discursiveness) part of the child psychotherapist, requires the need to perform a problematization of each of the instruments used in the daily work.

**Keywords:**

Childhood, Subjectivation, Device, Government, Play.